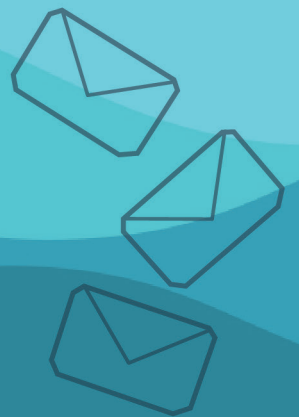
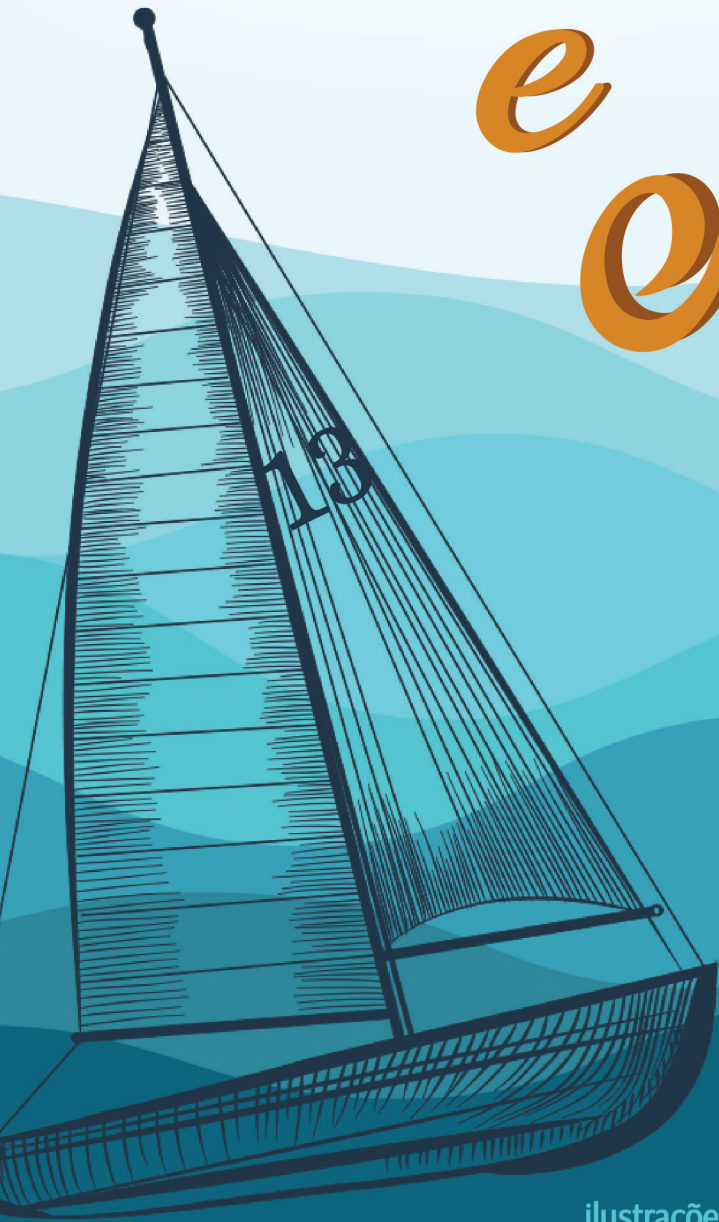


Lucas Visentini

Céu, Sol e Mar

a travessia



ilustrações de Luana R. Maciel

Lucas Visentini

CÉU, SOL E MAR: A TRAVESSIA

Santa Maria da Boca do Monte

Rio Grande do Sul, Brasil

2020

Direitos desta edição reservados ao autor

VISENTINI, Lucas. **Céu, Sol e Mar: a travessia.** [Livro eletrônico] – Ilustração de Luana da Rocha Maciel. 1ª Edição – Santa Maria, RS: Lucas Visentini, 2020.

Revisão

Lucas Visentini

Diagramação e capa

Luana da Rocha Maciel

Colaboradores

Prof. Dr. Valmôr Scott Júnior

Profa. Dra. Edinara Leão

Luana da Rocha Maciel

Carlos Azzolin B.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Visentini, Lucas
Céu, sol e mar [livro eletrônico] : a travessia /
Lucas Visentini ; ilustração Luana Maciel. -- 1. ed.
-- Santa Maria, RS : Lucas Visentini, 2020.
PDF

ISBN 978-65-00-10899-6

1. Ficção - Literatura juvenil I. Maciel, Luana.
II. Título.

20-48069

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

À minha mãe.

Epígrafe

Azul que me parece tão bonito
Qual me perco no véu tão infinito.
Sigo as nuvens e seu desenrolar
Sigo o vento que as faz viajar.

Vejo nascer todo dia no Leste
Do mesmo que morre pelo Oeste.
Laranja o parto da alvorada
qual depois se finda em luz corada.

Profundo, salgado espelho turvo
Nas ondas melenas do fio curvo.
Acúmulo das lágrimas caídas
Nestas águas pesadas, percorridas.

Desgosto, desespero e tristeza
Por deixar meu lar e sua beleza
por meu viajar nesta maresia...
certeza – céu, sol, mar e travessia.

Prefaciar a travessia... na companhia de Qudamah

O prefácio é um convite que anuncia o que está por vir. Contudo, prefaciar “Céu, sol e mar: a travessia” é um desafio que exige a companhia de Qudamah, o menino sírio, “valente como um leão” que, lindamente, relata sua travessia de deslocamento forçado, de refúgio, a bordo de um navio.

Ler o caderno de folhas amarrotadas deste menino é ler sobre a vida, sobre o momento presente e sobre pessoas que são expulsas para uma nova estória de vida. Nas páginas do caderno que este livro transcreve, assim como Anne Frank relatou, em seu diário, temos a realidade tensa e lúdica de dias difíceis, de fuga, no sótão de uma casa ou em um navio em alto-mar. Grandes amigos seriam Anne e Qudamah. Infelizmente, foram separados pelo tempo e pela crueldade de momentos históricos tristes e lamentáveis. Duas crianças valentes e de alma livre.

A travessia deste menino sírio remete ao momento presente, de angústias e estresse, em virtude da pandemia de COVID19, assim como à afronta aos direitos humanos, retratada pela situação daqueles que são arremessados de sua terra, de seu chão de origem, em busca de um novo caminho, uma nova vida no “alto-mar” de incertezas.

Neste cenário, Qudamah apresenta uma estratégia de enfrentamento e que, talvez, a maioria de nós nunca, ou poucas vezes, tenha realizado: contemplar “o sol nascer e se pôr nas águas azuis do mar”. Talvez o mar esteja geograficamente distante, mas o sol nasce e se põe em, praticamente, todos os lugares. Qudamah, onde estava você que não permitiu ao leitor te ler antes, aprender e manter a saúde mental em momentos coletivos, e até individuais, vividos?

Querido sírio, siga em minha companhia; não volte para as folhas amarrotadas do teu caderno. Há mais a escrever aqui, a viver nesta obra sutil, delicada, densa e repleta de lições que chamam para uma conversa, para uma leitura, para uma travessia contigo.

Não posso esquecer Khadija, a irmãzinha de Qudamah, tão especial quanto o irmão, que nos presenteia com sua generosidade nesta obra. Khadija relata a travessia como uma aventura pelo mar com sua família e com pessoas estranhas, como se fosse um cruzeiro de férias, mesmo com a saudade profunda de seus brinquedos, de seu universo particular. Esta menina nos lembra o que a vida realmente é: uma aventura. Temos a ilusão de que a vida é um plano, um roteiro, uma organização meticulosa dos minutos e das horas de cada dia. Pura ilusão! A vida vira e revira quando menos se espera e, neste turbilhão, nos coloca diante do novo, de pessoas desconhecidas, em novas travessias que empolgam, assustam, provocam riso e choro. Eis o conceito de aventura. Grande pequena notável menina síria.

Qudamah, em um dos momentos mais delicados de sua vida, junto com sua família, no Poseidon, vai além e toca no maior medo do ser humano que atinge a todos e fica à espreita, quase visível, de pessoas perseguidas: a morte. Qudamah e Anne sabem disto. Se a morte tem cheiro, eles sentiram o odor de perto. Como não

vivi situação de extremo perigo, este menino sírio cede, gentilmente, seus escritos.

Sobre a morte e a vida, o prodígio sírio nos presenteia: “A morte é profunda e misteriosa como o mar. E eu prefiro a vida. Eu desejo a vida e é por isso que não desistirei de lutar com todas as minhas forças nesta travessia que estamos enfrentando. É, é isso: a vida é como um barco, um barco a vapor que nos impulsiona e nos conduz a portos familiares ou completamente desconhecidos, que nos leva a viagens planejadas ou absolutamente inesperadas, que transporta em seu convés os sonhos daqueles que ousam nele navegar, a proa a desnudar o futuro e a popa a contemplar o passado. Um barco a vapor. Sim, a vida é um barco a vapor que nunca cessa de velejar...”

Que sejamos como este menino: preferir a vida, mesmo que seja um ato de responsabilidade e risco. Atenção! Viver significa não deixar a alma morrer, mesmo que o corpo esteja vivo. Lutar, contemplar, imaginar, impulsionar é pressuposto. Qudamah sabia disto e exercitava esta força, tanto que considerava a vida um barco a vapor, que transporta sonhos em direção ao futuro (in)certo.

Na companhia de Qudamah, é delicado prefaciá-lo este livro. Este menino toma as palavras e nos devolve a riqueza que elas guardam, reservam, para aqueles que estiverem dispostos a ler, a vivenciar cada página, cada palavra, cada momento da travessia.

Infelizmente, nenhum encontro dura para sempre, seja com este sábio menino sírio ou com qualquer outra pessoa. Os registros de boas e produtivas conversas como esta, permanecem na memória afetiva. Neste caso, vai além, pois permite (re)visitar, nesta obra, o encontro com este menino sírio, na sua viagem em alto-mar.

Este livro e as aspas neste prefácio apresentam um universo de vivências não vividas por muitos leitores: a gratidão, a imaginação e a beleza da simplicidade. Lucas Visentini, autor desta obra que transcreve as folhas do caderno de Qudamah, extrapola a mera escrita e nos entrega um mundo de metáforas, de reflexão, de imersão. Lucas é autor de outras obras sensíveis ao mundo, à(s) realidade(s). Aqui, mais uma vez, nos presenteia com sua escrita primorosa e agradável. O convite está feito e exige o aceite corajoso de um leitor disposto a ler, olhar, escutar e refletir sobre si, por meio das palavras (lições) de Qudamah, pelas mãos de Lucas.

Seja bem-vindo!

Valmôr Scott Júnior

Doutor em Educação (UFSM)

Docente do Curso de Direito (UFPEL) e Docente do PPGD (UFPEL)

LP2 – Direito e Vulnerabilidade Social

SUMÁRIO

1	O caderno	9
2	Duelo das letras	12
3	Meus livros de cabeceira	15
4	Pedra, papel ou tesoura?	18
5	<i>Marditerrâneo</i>	21
6	Um lar que eu possa chamar de meu	24
7	As profundezas do mar-sem-fim	27
8	O refúgio	30
9	Minha cidade, meu país, meu mundo	33
10	Inverno Árabe	36
11	Eterna Síria	39
12	Pássaro da sorte	42
13	Treze	45

Capítulo 01 – O caderno

Não, não era a minha intenção escrever. Não na condição em que eu estou. Na condição em que *nós* estamos. Mas, por ironia, é justamente sobre as circunstâncias nas quais eu me encontro que decidi escrever os meus pensamentos e impressões nestas folhas levemente amassadas e em branco de meu caderno, o qual eu carregava sempre comigo quando eu estudava, quando havia escolas e havia vida.

Este caderno se salvou quase por acaso, assim como aconteceu comigo e com tantos outros que estão agora bem próximos de mim. As poucas folhas que haviam sido escritas, que registravam tudo o que o professor nos ensinava, ainda restam como testemunhas de um tempo em que as preocupações da escola eram as únicas a habitar as nossas cabecinhas. Apenas treze páginas. Sim, treze. contei e recontei dezenas de vezes, pois foram os primeiros registros do início do ano letivo, o qual foi abruptamente interrompido pelos acontecimentos imprevisíveis que ocorreram conosco.

Com suas centenas de folhas, há muito o que pode ser dito, digo, escrito em suas linhas ao longo desta viagem interminável que estamos fazendo. Na verdade, eu nem sei muito bem o porquê de eu estar rabiscando nestas páginas amarrotadas tudo aquilo que me vem à cabeça. Por quê? Porque... Por que... Por quê!

O que eu queria mesmo era poder conversar horas e horas sem parar com os meus amigos e colegas da escola, brincar e me divertir com todos eles, mas isso agora é impossível, pois estamos muito longe uns dos outros. E quando eu falo que estamos muito longe, é porque estamos muito longe mesmo. Acreditem!

Mas talvez justamente por não poder falar – não como antes, pelo menos – é que eu queira escrever. Sim, talvez seja isso. Não é fácil para mim, não é fácil para ninguém que está aqui comigo nesta situação inesperada e aterrorizante compreender os porquês das coisas. Cada dia nos reserva algo que transcende ao nosso entendimento, e nem sempre o que nos acontece é bom e desejável, às vezes penso que não vou aguentar mais muito tempo nestas circunstâncias. Mas há muita esperança em meu pensamento e em meus dedos, e por isso eu me atrevi a começar e escrever...

Com muita sorte e perseverança, poderei continuar a registrar tudo aquilo que sinto e vivencio e talvez algum dia, no futuro – se é que ele existirá para mim, se é que ele existirá para nós – compartilhar com outras pessoas as experiências pelas quais passamos juntos desde que aquelas barbaridades começaram a acontecer comigo, com a minha família, com os meus amigos e com o meu povo. Quero poder expressar de alguma forma a minha dor, a minha revolta, a minha indignação, mas também a minha esperança, a minha coragem e a minha fé para que eu possa ter forças para

enfrentar com muita valentia os desafios que a vida impôs a mim e a todos os que estão ao meu lado.

Por meio destas preciosas folhas que compõem o meu caderno, o qual me acompanhava diariamente quando eu ainda frequentava a escola, início a minha escrita, mesmo sabendo que o caminho que eu comecei a percorrer há alguns dias não é reto e previsível como estas linhas em que escrevo. Muito pelo contrário, meus amigos. Ao invés disso, a única linha reta que a mim se apresenta é a linha do horizonte, a qual tento transpor dia após dia, dia após dia... Eu sinto em meu peito que eu sou a fronteira do meu futuro e o meu próprio destino se traça conforme eu avanço em direção ao horizonte.

É estranho pensar que os contornos da Terra se esvanecem e se materializam, avançam e retrocedem, conforme andamos ao seu encontro. Pode-se correr a toda velocidade, mas nunca se chega à linha do horizonte: fugidia como um gato arisco, ela não se deixa pegar facilmente, e agora, mais do que nunca, eu sou testemunha de que as fronteiras são intangíveis e intermitentes, que são arredias e selvagens, mas tenho esperança de que eu as transpô-las e domá-las...

Mas quando eu ainda estava bem dentro de minhas fronteiras, os desafios eram outros. Eu ainda me lembro – afinal de contas, não faz tanto tempo assim – das aulas lá na escola perto de casa, para onde eu e meus amigos e colegas de aula íamos e voltávamos juntos a pé todos os dias, cada um com sua mochila colorida, cadernos e pastas sob os braços, sorrisos no rosto, sempre a desafiarmos uns aos outros para alguma arte que aprontávamos.

Às vezes, durante o percurso de ida ou volta, provocávamo-nos mutuamente e esperávamos o resultado com apreensão e ansiedade: testávamos os nossos próprios limites e os dos outros e sabíamos que aquele era o momento para sermos crianças e aproveitarmos ao máximo a nossa infância. Não raro cadernos eram rápida e inesperadamente surrupiados das mãos de seu dono para serem lançados, de um lado para outro, por sobre a cabeça do mesmo, o qual acabava fazendo o papel do bobo da corte, esperneando de um lado para outro como um malabarista para tomar de volta o que lhe havia sido tirado.

E todos nós nos divertíamos muito com nossas peraltices e traquinagens, é claro. Coisas de crianças. O caminho para a escola era um convite à brincadeira e à diversão, e como nós desfrutávamos durante o percurso! Éramos todos muito amigos e inseparáveis, não nos desgrudávamos por nada neste mundo, até mesmo na sala de aula a nossa turminha sentava perto uns dos outros.

E eu tenho que confessar que, por muitas vezes, eu é que fui a vítima dos gracejos, e vi este mesmo caderno no qual escrevo voar de um lado para outro, cruzando os céus bem pertinho da minha cabeça, sem, contudo, conseguir alcançá-lo com meus pulos que não atingiam grande altura, nem com meus braços pouco

compridos. Eu ficava fu-ri-o-so com os meus amigos, porque, além de não querer ser feito de bobo, não queria que amassassem o meu caderno novinho em folha.

Hoje, ao olhar para o meu caderno, no qual escrevo estas palavras, não posso deixar de me lembrar daqueles momentos de amizade e felicidade que passamos juntos na escola ou a caminho dela, os quais estão a milhas e milhas de distância no tempo e no espaço. Mal sabíamos o que nos sucederia, não poderíamos imaginar que nossas vidas seriam sacudidas pelos acontecimentos que ocorreram, pelas andanças por caminhos que não escolhemos e que jamais preferiríamos percorrer...

Capítulo 02 – Duelo das Letras

Como eu estava contando para vocês, este caderno que carrego em minhas mãos e no qual escrevo estas palavras não é tão antigo assim, mas já tem muita história. E não falo somente do que nele está escrito e no que está sendo e ainda será registrado por mim nesta travessia, mas também sobre tudo aquilo que nós passamos juntos nos últimos tempos.

Desde a última vez que o caderno esteve comigo na sala de aula lá na minha escola, a qual provavelmente não existe mais, a minha vida mudou completamente. Ainda posso ler a anotação do professor na última aula que tivemos, alguns dias antes do terrível acontecimento, observação que registrava o seguinte, logo após a escrita de uma redação: “Ótimo! 10 com louvor!”.

Não quero que ninguém pense que eu sou arrogante, mas eu era – talvez ainda seja – muito bom na escrita, e as minhas redações sempre eram as melhores da turma. Pelo menos é o que eu podia perceber pelo retorno dado pelo professor. É que eu sempre me senti fascinado pelas letras e por tudo o que elas representam para mim.

Eu penso que há algo de mágico e encantador no ato de ler e escrever. Não sei o porquê, mas me fascina o fato de que apenas vinte e seis letrinhas do alfabeto possam formar todas as palavras existentes!!! Todas, todas que pudermos imaginar em nossa língua!!! Basta combiná-las delicadamente de uma forma ordenada e podemos ter perante os nossos olhos, como que em um passe de mágica, palavras simples ou mesmo bem complicadas. Então, escrever “gato” é tão fascinante e extraordinário quanto ler a palavra “australopithecus”. Mas o que esta última palavrinha significa mesmo? Enfim...

Certa vez eu inventei – será que alguém nunca havia tido essa ideia antes de mim? – uma brincadeira com umas pecinhas que ilustravam todas as letras do alfabeto. As regras do jogo eram mais ou menos assim: embaralhava-se todas as pecinhas com as faces que mostravam as letras viradas para baixo, de modo que quem as misturasse não pudesse vê-las. Depois, uma por vez, desvirava-se as pecinhas de modo a formar a maior palavra existente possível.

Por exemplo, se eu pegasse primeiro a letrinha “b” e depois a “f”, eu perderia o jogo logo no início, pois não há nenhuma palavra que comece com as letras “bf”. Porém, se depois do “b” surgisse a letra “o”, e depois do “o” viesse um “i”, a palavra “boi” seria formada e eu ganharia três pontos, visto que a mesma possui três letras. O jogo termina quando se atinge cem pontos e o objetivo é formar a maior palavra possível, porque, quanto maior for a palavra, maior a dificuldade e, conseqüentemente, maior o desafio a ser conquistado.

Eu e meus amigos passávamos horas e horas a jogar com as pecinhas nesse duelo de letras. É... Se eu fosse dar um nome à brincadeira que eu elaborei – pensando bem, eu não a devo ter inventado, muitos já devem ter jogado antes de mim –, se eu fosse o autor do brinquedo, eu o chamaria de “Duelo das Letras”. Afinal de contas, se elas não estiverem em harmonia entre si, acabam por brigar e nenhuma palavra inteligível é formada!

Dentre todas as vezes que nós jogamos o Duelo das Letras lá em casa, houve uma ocasião na qual eu, além de atingir primeiro os cem pontos, consegui formar a maior de todas as palavras até aquele momento. Desvirei primeiro a pecinha com o “c”, depois o “a” – e a expectativa aumentando! – seguido do “d”, logo após o “e” – e o coração palpitando! – além do “r”, depois o “n” – não cabia mais em mim mesmo de tanta emoção e expectativa! – e, por último, mas não menos importante... A letrinha “o”. Sim, isso mesmo: “caderno”. E eu vibrei como nunca naquele momento...

Pois é justamente por estar escrevendo em meu caderno e tê-lo comigo em meu colo durante quase todo o dia que eu me lembrei dessa história, afinal, ele representa – e eu não tenho dúvidas em relação a isso – a vitória para mim. Outra palavrinha que me vem à mente não é tão extensa quanto “caderno”, mas é tão significativa quanto: “barco”. Mas o que uma tem a ver com a outra? Ah, isso vocês saberão logo, logo...

Mas para que eu possa adiantar o assunto, para não deixar vocês tão curiosos e não cair na tentação de fazer suspenses bobos, quero dizer que na capa do meu caderno há uma paisagem estampada lindíssima, que é quase tão bonita quanto a vista que eu posso apreciar diariamente aqui onde eu estou: há muita água de cor azul-azul, provavelmente um mar ou oceano, com uma pequena ilha ensolarada por raios de sol amarelos-amarelos, repleta de uma fofa areia branquinha-branquinha, com alguns coqueiros verdes-verdes a exibirem as suas exuberantes folhas...

E, como se não fosse suficiente, navegando muito próximo à ilha que eu acabei de descrever, há um barquinho que, de tão lindo que é, faz com que quem o vê queira ser um de seus tripulantes e deseje navegar livremente pelos mares e oceanos sem limites, ao contemplar as maravilhas que a natureza nos apresenta para admirarmos. A grande ironia dessa história toda é que eu estou justamente contemplando uma paisagem muito semelhante àquela estampada na capa do meu caderno.

É claro que a vista que eu tenho aqui de onde estou não é tão maravilhosamente paradisíaca assim, mas estou em alto-mar a navegar em um barco repleto de possibilidades. Não que isso seja necessariamente bom, porque viajamos um pouco tensos por não sabermos muito bem onde iremos aportar quando chegarmos – se chegarmos! – ao nosso destino.

Eu sei que a vida é repleta de incertezas, e isso é ao mesmo tempo incrivelmente assustador e encantador – não quero pensar sobre a possibilidade de experienciar a

única certeza que temos. Não agora. Eu me alegro por testemunhar diariamente a expectativa e a esperança que a linha do horizonte traz consigo: cada onda do mar nos empurra incessantemente para mais longe de casa e para mais perto de um lar...

Capítulo 03 – Meus livros de cabeceira

Sim, sim. A minha viagem é em alto-mar, e não estou sozinho, não! Há muitas outras pessoas comigo, mas nem sempre é fácil conviver na situação em que nós estamos vivendo. Que ninguém se engane: não estou em um cruzeiro, viajando de férias depois de um ano de aula repleto de aprendizagens na escola. Provavelmente minha escola não existe mais, eu já havia escrito isso antes. Assim como é bem possível que tantos outros prédios e casas tenham sido destruídos e devam ser neste exato momento apenas um amontoado de destroços e poeira...

Mas como eu estava narrando para vocês em minhas últimas palavras, eu posso apreciar todos os dias a linha do horizonte que se expande e se contrai, conforme prosseguimos em nossa jornada por este mar que nos embala como se estivéssemos em um berço de bebê recém-nascido. Como eu tenho muito tempo livre – e como eu não pude trazer os meus preciosos livros junto comigo para poder lê-los para passar o tempo –, eu termino por divagar e criar muitas possibilidades com tudo o que me cerca.

Por exemplo, eu não me conformava em chamar a linha do horizonte de “linha do horizonte”. Calminha aí, deixem-me explicar! Eu não sei em relação a vocês, mas toda vez que eu penso em “linha”, me vem à mente algo retinho-retinho, bem esticadinho. E eu posso perceber que a dita “linha do horizonte” não é tão retilínea assim: ela é levemente encurvada, mas somente com muita atenção pode-se perceber essa sua característica.

Então, por eu não concordar com a referida expressão, logo logo eu pensei em uma solução para a questão: eu passaria a chamar a “linha do horizonte” de “curva do horizonte”. Por muito tempo eu guardei essa ideia meio absurda somente para mim, afinal de contas, eu fiquei um pouco receoso de que os meus companheiros de viagem achessem graça e zombassem de mim. Eu a escrevi em meu caderno e irei dividi-la apenas com quem ler o que nele está escrito.

Eu sei que podem ser somente alguns pensamentos bobos de um menino de apenas treze anos como eu, mas em meu interior há muitas ideias que brotam a todo momento, e este caderno é o único meio que eu encontrei para poder compartilhar um pouco de tudo o que já aconteceu e está acontecendo comigo nesta viagem. Apesar de tudo, gosto de pensar que a minha verdadeira jornada está ocorrendo bem dentro de mim...

Bem, sem mencionar as minhas invenções estapafúrdias, eu poderia muito bem estar lendo e relendo a minha tão estimada coleção de livros, que eu fui reunindo conforme os meus pais me presenteavam com as mais diversas obras literárias em datas especiais. Mas tivemos que deixá-la para trás quando abandonamos às pressas

a nossa casa e, por incrível que pareça, os meus livros são umas das coisas de que eu mais sinto saudade.

Pois eu tenho somente treze anos, mas li muitas obras, dentre as quais algumas que talvez vocês também já tenham apreciado, pois eu gosto muito dos clássicos da literatura. É claro que, como bom leitor, eu tenho os meus livros favoritos, e vou citá-los agorinha mesmo para vocês. Para eu não me estender muito, vou contar um pouquinho sobre os meus três livros preferidos.

A Volta ao Mundo em 80 dias, de autoria de Júlio Verne, narra as aventuras de um rico homem inglês que, ao fazer uma aposta, acaba realizando uma viagem ao redor do nosso planeta e, durante o percurso, passa pelas mais variadas situações até chegar ao seu destino. Eu me lembrei da história desse livro porque em vários momentos as personagens atravessaram mares e oceanos e, é claro, eu não poderia deixar de me imaginar nessa aventura porque eu mesmo estou a navegar e a realizar uma jornada que, apesar de não ser ao redor do mundo, é talvez tão extensa, arriscada e perigosa como se assim o fosse.

Outro livro que me encantou profundamente foi O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, o qual conta a história da experiência de um aviator e das aventuras de um menino – o pequeno príncipe – que vive em um asteroide no qual há uma rosa com a qual conversa e três vulcões (um deles extinto) e que, para se divertir, assiste a dezenas de pores do sol. Eu vejo apenas um por do sol por dia, mas há muito em comum entre mim e esse menino que posso perceber. Aqui nesta embarcação eu me sinto como se estivesse no espaço, ao percorrer as mais longínquas distâncias sobre um asteroide. É claro que, em meu caso, o universo é o alto-mar e o asteroide é o barco no qual navegamos.

E por último, mas não menos importante, está o mágico e surpreendente livro O Diário de Anne Frank, de autoria da própria Anne. Como o nome nos sugere, a obra é o diário de uma menina, a qual era de família judia e o escrevia em um anexo secreto porque estava escondida dos nazistas, que poderiam matá-los a qualquer momento se descobrissem o esconderijo.

Eu fiquei muito chocado com a leitura desse livro, principalmente porque todos os fatos que foram descritos pela Anne realmente aconteceram com ela e com a sua família. Pois eu senti tudo aquilo que a menina sentiu. Talvez não somente por eu ter treze anos – como ela tinha quando escreveu boa parte do diário –, mas também por compreender a sua introspecção e o seu ímpeto de coragem ao relatar tudo aquilo que acontecia em sua vida.

Pois eu afirmaria, em relação a esse livro, que desde Anne Frank sabe-se o poder da palavra na solidão, escuta-se o silêncio sendo domado pela palavra. O ato dessa menina tão jovem em meio às incertezas e ao desespero me inspira a continuar a minha própria jornada com muita força e coragem para que o nosso destino seja

diferente daquele de Anne e sua família.

O seu exemplo de entusiasmo pela vida, apesar dos horrores da guerra, me faz pensar que, se sentíssemos menos medo e ousássemos ter mais coragem, não seríamos reféns do absurdo e não estaríamos tão suscetíveis à barbárie. Sim, agora eu percebo: este é o meu livro preferido dentre todos, o meu livro de cabeceira...

Capítulo 04 – Pedra, papel ou tesoura?

Infelizmente, entretanto, eu não tenho mais casa, nem quarto, nem cama e, conseqüentemente, muito menos uma cabeceira para que eu possa ter um “livro de cabeceira”, um lugarzinho só meu onde eu pudesse colocar ao alcance de minhas mãos uma obra que eu nunca me cansasse de ler e reler. Apesar de não tê-lo por perto – tudo ficou lá em casa, pois saímos às pressas –, lembro-me perfeitamente de cada passagem do Diário de Anne Frank, e sinto, mais do que nunca, a profundidade e a originalidade da escrita da menina-autora.

Anne, confinada no anexo secreto, soube como ninguém sublimar a agonia de uma realidade que ameaçava e aterrorizava a todos que lá estavam, ao descrever em seu diário os seus sentimentos mais íntimos e profundos. Eu, com meu caderno em mãos, também gostaria de registrar com muita sabedoria e emoção os momentos pelos quais eu e os outros estamos passando.

E quem disse que um menino não pode ser sensível e emotivo? Eu percebo que nem sempre é fácil ser um garoto com a idade que eu tenho e demonstrar seus sentimentos aos outros. A não ser que se seja agressivo, aí sim parece que se é mais aceito – os meus amigos às vezes me tiravam do sério com brincadeiras um pouco violentas demais. Quando se tem treze anos, pode-se arriscar a pensar e a ser diferente, e eu ousou escutar meu coração pueril a pulsar em meu peito.

Bem, ainda em relação à situação de Anne e sua família, nós aqui não estamos confinados em um quarto escondido, mas talvez estejamos tão ou mais acuados e encurralados neste mar-sem-fim, onde cada dia traz consigo a esperança da salvação em terra firme ou a concretização da possibilidade arrepiante de um naufrágio em alto-mar.

Não gosto nem de pensar sobre isso, mas eu sei que é perfeitamente possível que o mar, em sua fúria, nos engula sem piedade. Por duas vezes isso quase aconteceu. Quase. E, para piorar a situação, em ambos os casos a tribulação aconteceu à noite, em plena escuridão, o que apavorou ainda mais a todos no barco. Meu pai e minha mãe se agarraram a mim e a meu irmão e à minha irmã com toda a força para que ficássemos juntos naqueles momentos de pânico e terror. Por muito pouco o barco não virou e não morremos todos afogados no mar...

Meu pai nos disse – com os olhos lacrimejando, em uma mistura de tristeza e arrependimento –, que a embarcação na qual estávamos não era bem aquela que o senhor que vendeu as passagens a ele havia prometido. Logo ao embarcarmos já percebemos que o porte do barco não parecia ser suficiente para todas aquelas pessoas que iriam embarcar, mas subimos todos mesmo assim para deixar para trás o quanto antes o inferno em que a nossa cidade e o nosso país se transformaram.

Pois agora as nossas vidas estão em risco e eu preciso ser muito forte para confortar e encorajar não somente os meus pais e irmãos, mas também todos os outros que aqui estão conosco nesta jornada. Pois o meu nome é coragem. Todos nós aqui estamos no mesmo barco – literalmente falando – e precisamos contar com todas as nossas forças para enfrentarmos juntos os desafios da travessia.

E escrever neste meu caderno, que já nem é mais caderno, mas uma espécie de diário, foi um modo que eu encontrei de tentar sobreviver, custe o que custar. Eu gosto de pensar que este lápis que seguro em minhas mãos para escrever é uma varinha de condão que tem o poder de criar realidades como a minha imaginação e a minha sensibilidade de menino quiserem. Basta algumas letras finamente tecidas por meio da escrita possibilitada pelo meu condão mágico e algo é criado e não estou mais sozinho.

Pois eu poderia muito bem escrever uma mensagem em uma folha de papel de meu caderno e colocá-la dentro de uma garrafa com uma nota e lançá-la ao mar, como faziam algumas das personagens dos livros sobre aventuras marinhas que eu lia. Mas eu sei que na vida real as coisas não são tão simples assim e que geralmente as garrafas se perdem na vastidão dos oceanos e nunca ninguém lê as mensagens que dentro delas estavam contidas.

Se fosse como nos livros ou nos filmes, eu escreveria pedindo socorro a quem lesse o comunicado e imploraria para que viessem nos resgatar o quanto antes, pois sei que o tempo – tanto o dos relógios quanto o atmosférico – é nosso inimigo neste momento. Eu, como sou o irmão mais velho, tento tranquilizar o meu irmão e a minha irmã contando algumas das historinhas de meus livros ou ainda apostando com eles o que vamos encontrar quando aportarmos e como será o lugar em que vamos ficar.

A brincadeira “pedra-papel-tesoura” – com a qual eu e meus amigos brincávamos lá em casa – também nos ajuda a passar o tempo aqui no barco. É um jogo muito simples, porém necessita de atenção e agilidade. A pedra ganha da tesoura porque a despedaça; a tesoura ganha do papel porque o corta e, por fim, o papel ganha da pedra porque a embrulha. Simples, não é?! Eu, os meus irmãos e algumas outras crianças que aqui estão conosco passamos horas e horas a nos distrairmos nesse jogo-sem-fim...

Pois eu penso que o ato de escrever tenha um pouquinho da essência da brincadeira “pedra-papel-tesoura”, pois a escrita nunca alcança o fim: posso pensar no que quer que seja – um golfinho, uma gaivota, um raio de sol – e algo surgirá com milhares de possibilidades de criação. Basta a varinha de condão em mãos e imaginação solta para a fantasia se tornar realidade. Então recorto os meus sonhos com a tesoura, escrevo-os, colo-os em um papel e a magia se petrifica em escrita para sempre...

Pois sou um menino de treze anos repleto de sonhos e fantasias que está

atravessando esse mar com a coragem que nem mesmo muitos adultos podem imaginar que exista. Porque meu nome é coragem. Meu nome é coragem. Sim, meu coração é intrépido como o de um leão.

Meu nome é coragem e eu me chamo Qudamah.

Capítulo 05 – *Marditerrâneo*

Meu nome é Qudamah. Sim: Qudamah. E sou valente como um leão. E como seria possível para um menino de apenas treze anos de idade como eu enfrentar essa travessia sem ser destemido como uma fera indomada? Eu gosto de pensar que sou corajoso porque só o fato de assim pensar me dá forças para trilhar com valentia esse percurso que pode ser a minha – a nossa! – salvação.

Como estamos em alto-mar, logo no primeiro dia aconteceu algo que eu nunca havia presenciado antes em minha vida: vi o sol nascer e se pôr nas águas azuis do mar. Pode parecer bobagem, mas fiquei encantado com o espetáculo que é observar o mar como berço e túmulo do sol em um dia límpido de céu azul.

Certo dia, um menininho de uns quatro anos de idade que está nesta mesma travessia me perguntou, em sua inocência pueril: “como o sol pode nascer e desaparecer na água do mar sem se apagar?”. É claro que não pude evitar o riso, mas expliquei o porquê desse pequeno milagre da natureza. Mas, pensando bem, as maravilhas que o universo nos proporciona admirar se tornam mais belas e encantadoras com os segredos não-revelados dos mistérios da criação...

Pois eu nunca havia visto o mar antes. Na verdade, antes desta viagem – não seria melhor chamá-la de “fuga”? – eu nunca havia saído para muito longe da minha cidade natal, a qual não é litorânea, apesar de o meu país ser banhado por este mesmo mar que agora atravessamos nesta embarcação. Apesar do sol e do calor do Oriente Médio, eu e minha família nunca passamos férias na praia...

Nos primeiros dias eu percebi que o meu irmão Taufik e a minha irmã Khadija estranharam – e muito! – o balanço incessante do mar. Por diversas vezes eles acabaram vomitando em decorrência do enjoo causado pelo mar. Eu, ao contrário, não senti os efeitos das ondas e da maré em nosso barco. Na verdade, até me senti como se eu estivesse sendo embalado em um balanço – como aquele pendurado em um galho de uma árvore lá nos fundos do quintal de nossa casa –, onde nos balançávamos e chegávamos às alturas com o impulso.

Ambos são mais jovens que eu – Taufik tem nove e Khadija tem seis anos de idade –, e eu me sinto responsável, juntamente com meus pais, por zelar pela segurança deles nesta embarcação. Quando amamos verdadeiramente, cuidamos e protegemos as pessoas queridas.

“Raiva” é uma palavra muito feia, eu sei, mas eu sinto muita indignação quando penso que o senhor que vendeu as passagens para o meu pai mentiu sobre as condições do barco, ao afirmar que navegaríamos com total segurança e comodidade até o nosso destino. Porém, quando chegamos ao porto, logo vimos que

o meio de transporte não era bem como ele o descrevera e nem poderia comportar comodamente o número de pessoas que embarcaram conosco nesta travessia.

Nós sabemos muito bem o que já aconteceu com outras embarcações como esta em que nós estamos, lemos notícias que afirmavam que dezenas de incidentes já haviam acontecido em alto-mar e que centenas e centenas de pessoas perderam a vida no trajeto. Essas informações me deixaram muito triste, porque muitas das vítimas eram crianças inocentes de meu país, que intentavam fugir dos horrores da guerra, mas que tiveram suas esperanças afogadas nas águas profundas e salgadas do mar.

Eu não quero que o mesmo aconteça comigo e com a minha família. E é claro que tampouco com os outros tripulantes da embarcação – e com ninguém neste mundo! Eu não aceito a ideia de que a qualquer momento os nossos sonhos possam ser interrompidos e algo terrível possa nos acontecer. Eu tenho a certeza de que todas as pessoas têm o direito à vida e gostaria muito que todos valorizássemos o maior bem que possuímos e respeitássemos esse direito fundamental de todos os nossos semelhantes.

Outra convicção que eu tenho é que, se lutássemos verdadeiramente pela vida do nosso próximo, se nos amássemos a ponto de termos a coragem de não aceitar o desrespeito à existência de quem quer que seja, certamente temeríamos menos o fantasma da morte... Provavelmente confiaríamos mais uns nos outros e em nós mesmos, pois saberíamos que – aconteça o que acontecer – sempre haveria alguém com quem contar, alguém que estivesse zelando pelas nossas vidas.

Como não podíamos retornar para casa, e como não havia mais nenhuma opção possível, tivemos que seguir viagem e agora estamos arriscando nossas próprias vidas dia após dia. Apesar de fazer pouco tempo que conheço o mar, posso afirmar que o mesmo pode ser fascinante e encantador, mas também perigoso e traiçoeiro... E estamos a navegá-lo, a transpô-lo, a vencê-lo, onda após onda... E testemunhamos as curvas do horizonte serem recortadas pelas águas, nelas se engolfando...

Minha irmãzinha Khadija pensa que estamos em uma espécie de aventura, passeando pelo mar com a nossa família e com pessoas estranhas, como se estivéssemos em um cruzeiro de férias. Apesar de se sentir enjoada por causa do vai-e-vem do mar e sentir falta de seus brinquedos – e às vezes até chorar por causa disso –, Khadija parece gostar da novidade que é navegar e estar com pessoas totalmente desconhecidas em uma peripécia que é atravessar um mar imenso, talvez por ainda não ter idade suficiente para compreender os riscos aos quais estamos submetidos nesta embarcação.

Ela me surpreende a cada dia com suas singulares constatações sobre tudo o que estamos passando, e demonstra ter uma singular imaginação de criança cujas ideias impressionam a todos. Certo dia eu a escutei balbuciar uma palavrinha que eu

não entendi muito bem o significado. Eu assim perguntei, para tentar compreender: “Como, Khadija? Fale de novo!”. Ela então olhou para mim e disse, com os seus olhos arregalados e pretos como jabuticabas: “*Marditerrâneo!*”, e apontou em direção a alto-mar. *Marditerrâneo???*

Mediterrâneo... Sim, Mar Mediterrâneo! Então era essa a palavrinha que a minha irmã pretendeu sussurrar. Mas, talvez por ter se confundido ao intentar se referir ao mar em que estamos viajando, Khadija tenha dito “*Marditerrâneo*”, em vez de “Mediterrâneo”. Pois para mim, a partir de tal momento, por causa da imaginação da minha irmãzinha, para sempre estas águas que testemunham e embalam a nossa travessia serão águas do *Marditerrâneo*...

Capítulo 06 – Um lar que eu possa chamar de meu

Ao navegarmos pelo *Marditerrâneo* buscamos um lugar em que possamos reconstruir o lar que nos foi destruído em nosso próprio país. Onde? Não sei e, para ser bem sincero, desconheço se os meus pais sabem ao certo onde iremos parar. As incertezas são nuvens escuras densamente carregadas prestes a chover em nossas cabeças. E não há teto algum que possa nos defender contra a tempestade...

Estamos a céu aberto, em pleno mar aberto, com os olhos esbugalhados e as veias pulsantes, prestes a nos depararmos a qualquer momento com um destino que nos é desconhecido. Cada onda do mar nos traz esperanças e medos, descobertas e desafios, vitórias e incertezas. E os ventos nos sopram sobre as profundas e desconhecidas águas azuis do *Marditerrâneo*...

Apesar das interrogações e dúvidas que palpitam incessantes no coração de cada um dos tripulantes desta embarcação, há a certeza de que os sonhos e as esperanças de todos estão vivos e intensos como brasas em chama, ainda que nesta situação perigosa e incerta a que estamos todos submetidos. Meus pensamentos nunca cessam e deles brotam ideias e sensações que me surpreendem e me encantam.

Por exemplo, agora, mais do que nunca, eu sinto o desejo de ter um cavalo. Sim, um cavalo. Quero muito poder galopar com um corcel por campos abertos bem verdinhos e sentir no rosto a emoção de vivenciar a sensação de liberdade que o trotar sobre um ginete nos proporciona. Mas por enquanto, por estar navegando no mar, devo me contentar com os cavalos-marinhos, os quais sei que existem neste mar-sem-fim mas que eu ainda não pude ver de perto. Eles devem se esconder nas profundezas do oceano, os danadinhos... E, por isso, devem ser arredios como alguns outros cavalos de terra firme.

Por mais simples que possa parecer, quero experienciar novamente a firmeza que o chão nos possibilita, sentir a sua estabilidade e solidez ao tocá-lo com os pés, ao me deliciar com a segurança que a terra nos transmite. Pode parecer bobagem, mas para quem está há dias e dias em alto-mar – assim como estamos eu e os outros –, sentir o chão a seus pés é um privilégio e um desejo intenso, ainda mais se pensarmos que a terra firme é a garantia de segurança e salvação de nossas vidas.

Pois então eu espero por um cavalo que pise bem forte a terra e que esmague com as suas patas as incertezas que a liquidez da água dos mares nos transmite. Um cavalo nada mais é que a natureza que se desprende de si mesma e cavalga a seu encontro. Eu penso ser surpreendente o fato de não sermos como o restante dos seres vivos do nosso planeta, porque somos crias soltas da natureza a contemplar a criação do universo.

Por exemplo, enquanto que a um peixe só é possível nadar, a um pássaro somente voar e a um gato apenas andar, a nós são concedidos os privilégios de caminharmos soltos por aí com as nossas pernas, nadarmos livres e felizes pelos rios e riachos, voarmos pelos céus ensolarados com asas ou aviões e, como se não bastasse, temos a imaginação que pode fazer com que criemos múltiplas e infinitas realidades para que possamos experienciá-las uma a uma...

Um outro sonho meu eu já compartilhei com vocês: eu quero, o quanto antes, poder chegar com minha família são e salvo no continente, pisar em terra firme, e quero que todos nesta embarcação possam desembarcar com segurança em nosso destino em comum. Provavelmente não permaneceremos todos juntos quando lá chegarmos, cada um procurará a paz e o bem-estar que nos foram roubados em nosso amado país em um lugar diferente. Enfim... Onde quer que seja, eu quero continuar sendo muito feliz com a minha família, como costumávamos ser antes que a guerra arrombasse as portas de nossa casa e trouxesse desespero e terror a todos.

Esse é o motivo pelo qual o meu irmãozinho Taufik, de nove anos de idade, esteve muito mal ultimamente. Afinal de contas, se não fosse a guerra destruir quase tudo o que nós possuíamos, não haveria necessidade de nos arriscarmos nesta travessia perigosa e arriscada, estando sujeitos a todo tipo de fatalidade. Pois ele teve febre muito alta e constante nos últimos dias, o que me preocupou muito e, é claro, inquietou muito mais os meus pais, pois todos nós sabemos que não há nenhum médico ou profissional da saúde aqui para nos ajudar se algo acontecer com qualquer um de nós.

A nossa mãe fez algumas compressas improvisadas embebidas em água com trapos de panos e as colocou sobre a sua testa, em uma tentativa de conter as altas temperaturas, mas Taufik não respondeu muito bem aos esforços de amenizar a enfermidade que se abatia sobre a sua saúde. Não ter a quem recorrer quando precisamos de assistência ao nos sentirmos mal faz com que nos sintamos impotentes e desolados...

Todos nós ficamos apreensivos com a situação do meu irmãozinho, porque algo terrível aconteceu com outro menino que estava viajando conosco. Ele se chamava Farah e tinha, assim como Taufik, apenas nove aninhos. Não é à toa que eu mencionei que Farah *tinha* nove anos, no pretérito imperfeito, ou seja, no passado. Isso porque ele não tem mais, isso porque ele morreu. Eu não gosto de escrever sobre coisas tristes, mas há certos assuntos que precisam ser lembrados para que nós possamos refletir e tentar entender um pouquinho sobre nós mesmos. A morte é um deles.

Farah viajava neste mesmo barco em que estamos todos nós acompanhado de sua família, fugindo de nosso país e rumando a outros horizontes. Mas o seu percurso foi interrompido por um evento inesperado: ele adoeceu subitamente

durante a travessia e o pior, para o espanto e tristeza de todos, aconteceu. Eu não sei por quanto tempo eu vou viver – quem sabe dias, semanas, meses, anos ou décadas –, mas eu nunca, nunca vou esquecer o sofrimento dos pais de Farah pela tragédia que aconteceu com o seu filho.

Como se a tristeza de tal perda não fosse suficiente, não havia onde enterrar o menino Farah e, como única alternativa possível nas condições em que estamos, a solução foi enrolar o seu pequeno corpo em simples lençóis brancos e jogá-lo ao mar. Todos nós lamentamos e choramos a ausência de nosso amiguinho e desejamos, em segredo, que esse pesadelo todo nunca mais se repetisse em nossa travessia.

A morte é profunda e misteriosa como o mar...

Capítulo 07 – As profundezas do mar-sem-fim

A morte é profunda e misteriosa como o mar. E eu prefiro a vida. Eu desejo a vida e é por isso que não desistirei de lutar com todas as minhas forças nesta travessia que estamos enfrentando. O *Marditerrâneo* não há de ser mais forte que a minha vontade de viver. Hei de cruzá-lo a nado, com meus próprios braços, se preciso for.

O meu fôlego de existir é tão intenso e duradouro que seria preciso os sete mares para eu começar a me sentir cansado de tanto nadar. Não passa pela minha cabecinha desistir ou me sentir desanimado com os percalços e os empecilhos desta viagem, sei que eu sou forte o suficiente para enfrentar todos os problemas e desafios que a travessia me apresentar.

Pois todos já sabem que eu tenho o meu caderno comigo e, por meio da minha escrita, posso relatar tudo o que aconteceu e está acontecendo com todos que estão aqui neste barco a navegar. Sinto que as palavras me confortam nos momentos em que mais preciso de apoio e compreensão, e tenho a certeza de que a minha valentia nesta luta só aumenta para que nós possamos chegar logo à terra firme e encontrarmos um novo lar para todos nós.

É nesses momentos que eu me sinto um pouquinho como se eu fosse Marco Polo, que foi um mercador e explorador veneziano da Idade Média que cruzou terras e mares se aventurando valentemente por caminhos desconhecidos, ao ousar desbravar e conhecer lugares nos quais nunca ninguém havia estado antes. Sei disso tudo porque li um livro da biblioteca da minha escola que se chamava “As viagens de Marco Polo”, o qual era um diário de viagem que narrava as aventuras experienciadas em suas viagens pelo Oriente.

Pois eu gosto de me imaginar sendo Marco Polo e desbravando, intrépido, os mares revoltos, os perigosos lugares desertos e selvagens, enfrentando os mais temíveis animais conhecidos e desconhecidos, ao encarar bravamente todo tipo de peripécia que se apresentar em meu caminho. E, de certo modo, não é isso que estou fazendo aqui neste barco, desafiando os mares em busca do desconhecido?

Somente agora me dei conta de que estou navegando exatamente no mesmo mar em que esse aventureiro se lançou em sua jornada pelos quatro cantos do mundo: o Mediterrâneo – ou melhor, *Marditerrâneo* –, o qual deve ter testemunhado tantas façanhas de aventureiros e desbravadores que seriam necessários milhares e milhares de livros para que se pudesse narrar uma fração de tudo o que já se sucedeu nessas águas repletas de histórias.

Porém, eu – nós, na verdade – estamos fazendo o percurso contrário, ou seja, estamos desbravando o *Marditerrâneo* em direção à Europa. Sim, do Oriente Médio

rumo a tal continente. Ouvi meus pais dizerem que esse será o nosso destino e que é justamente para a Europa que o nosso barco pretende chegar, se tudo der certo, é claro. Onde? Não sei, e parece que eles também não sabem muito bem. Talvez o mesmo país de Marco Polo, a Itália, ou a Alemanha e Holanda de Anne Frank, ou a França de O Pequeno Príncipe ou de Júlio Verne.

E as profundezas do mar a testemunhar as nossas façanhas. Enquanto navegamos, posso sentir na pele o temor e o espanto que a profundidade das águas do *Marditerrâneo* me fazem perceber. Sei que há abismos imensos, crateras gigantescas, funduras inimagináveis, precipícios temíveis, despenhadeiros absurdos, tudo maquiado por uma linha tênue e inconstante que é a superfície das ondas do mar.

Sim, sob as calmas – nem sempre tão tranquilas assim, eu confesso – águas dos mares, há uma imensidão desconhecida, viva e pulsante que foge ao nosso entendimento, que nos faz pensar em nossa pequenez em relação à força e potência da natureza em suas múltiplas manifestações, que nos faz temê-la e admirá-la em sua aguda beleza indomável.

E como eu não poderia me encantar e fantasiar sobre tão colossal presente do universo se eu mesmo sou um rebento da natureza a contemplá-la com olhos arregalados de menino curioso que sou? Sim, sim, como os cavalos que galopam campo afora em um trote pocotó de liberdade que rivaliza somente com o poder dos sonhos e da criação.

Não estou em terra firme neste momento, mas quando nela chegar, hei de experienciar novamente todas as aventuras que um menino de treze anos como eu pode viver. Enquanto isso, contemplo e me surpreendo com as pequenas e grandes descobertas e surpresas desse mar que parece não ter fim nem fundo. A minha imaginação é um corcel alado e nada pode detê-la, pois o impossível pode não ser imaginado – como um cavalo arredio, eu a domo com meus pensamentos!

Eu sei que tudo vai dar certo, em algum momento tudo vai se resolver e essa será apenas a minha primeira viagem pelo *Marditerrâneo*. O meu irmãozinho Taufik está melhor da febre que o acometeu, para alívio de toda a nossa família, e espero que ele volte a sorrir como antes o mais breve possível. Depois de aguardarmos com muita ansiedade pela sua recuperação, ontem percebemos que ele se recuperou quase que totalmente, o que nos deixou mais calmos e esperançosos.

Eu amo a minha família e quero o melhor para ela, desejo que nada de ruim aconteça a eles e que possamos recomeçar as nossas vidas o quanto antes em um lugar seguro, onde haja paz para podermos viver e sermos felizes como éramos em nosso país. Não que não sejamos agora, mas a nossa situação poderia estar bem melhor. Afinal de contas, quem é que pode dormir em paz sem ter a certeza de que continuará a navegar no dia seguinte?

Antes de sofrermos com os acontecimentos terríveis que ocorreram conosco, eu nunca havia pensado na importância da liberdade em nossas vidas. Pois agora sei. Sinto. Talvez assim seja por geralmente esquecermos a importância da liberdade e sentirmos a sua falta somente quando a perdemos.

Pois podem não acreditar em mim ou pensar que eu estou falando – escrevendo – bobagens, mas um rapazinho como eu pode dizer que liberdade é talvez a coisa mais importante na vida, pelo menos quando se é como eu sou.

E quem sou eu? Quem sou eu??? Eu sou um menino de treze anos, sírio e refugiado.

Capítulo 08 – O Refúgio

Sim, este sou eu: um menino de treze anos, sírio e refugiado. Mas, na verdade, eu sou muito mais do que essa simples definição pode expressar. Eu sou eu, eu sou Qudamah. Eu sou um menino repleto de sonhos que teve que fugir de sua cidade e de seu país para tentar sobreviver em um lugar distante e desconhecido. Eu e toda a minha família. Assim como eu, milhares de outros meninos e meninas com suas famílias procuram refúgio não-se-sabe-onde. E muitos que não tinham família também – ou que as perderam na maldita guerra que está em curso na Síria...

O que é que posso dizer sobre mim, então? Bem, para quem está há algum tempo lendo os rabiscos que eu escrevo neste meu singelo caderninho, certamente há muito sobre mim que já foi dito. Ao examinar rapidamente as páginas escritas, posso perceber que são dezenas de folhas preenchidas com os meus mais íntimos medos, desejos, preocupações, sonhos e esperanças de um rapazinho cuja vida tomou um rumo inesperado.

Todos os dias quando acordo – não posso dizer que dormimos efetivamente durante a noite, não como costumávamos dormir no conforto de nossas casas – todos os dias de manhã, quando o sol começa a raiar em seu esplendor matutino, eu me pergunto quem eu sou, para onde vou e o que será de mim. Eu sou como o mar é profundo. Mas me questiono sem tentar me justificar. Ah, não, não! Se eu me questiono, é porque quero me conhecer mais e mais, quero desbravar-me e sentir o entendimento de mim mesmo em meu ser. Ah, sou do verbo ser: e nada mais me justifica...

Mas, muito próximo dos devaneios filosóficos de um garoto de apenas treze anos como eu, há algo bem objetivo com que se preocupar, como eu havia mencionado para vocês: está ocorrendo uma guerra civil em meu país e, com isso, a destruição e o terror tomaram conta de nossas vidas. É por esse motivo que estamos tão longe de casa e, provavelmente, nunca mais retornaremos para lá, porque tudo o que tínhamos deve ser apenas uma montanha de escombros agora...

Deve ser muito difícil imaginar como é ver a sua própria cidade reduzida a escombros quando a única preocupação que se tem é a de entregar para o professor a lição de casa feita na próxima aula. E não pensem que o que aparece na televisão é exagero. É muito pior do que se pode pensar, é apavorante, horrível, hediondo, terrificante, assustador.

Não tenho como explicar com palavras, nem com as imagens publicadas mundo afora que provavelmente vocês devem ter visto. Somente quem vivenciou o pânico, terror e desespero de sentir uma bomba atingir as proximidades de sua própria casa poderá compreender o absurdo que uma guerra pode ser.

Depois de todos os desastres que presenciamos, eu costumo pensar que a guerra é a expressão mais perversa do ser humano, porque, ao pretender destruir um semelhante, aniquila-se a si mesmo e, com isso, mata-se a humanidade que há em todos nós, “aliados” ou “inimigos”.

Se não é fácil deixar a infância e adentrar nas portas da adolescência, ser um menino de treze anos e enfrentar uma guerra na porta da própria casa é mais difícil ainda. Eu sei que, apesar dos pesares, eu não posso reclamar, pois não foram duas ou três pessoas – foram beem mais, acreditem – por mim conhecidas que não conseguiram escapar a tempo de nosso país. E incluem-se coleguinhas de escola nessa triste e absurda conta.

Estamos em fuga, mas estamos vivos e, enquanto há vida, há possibilidades. Cada dia que vivemos é uma vitória particular, pois nos distanciamos cada vez mais do absurdo que se tornou o nosso lar e nos dirigimos a algum lugar onde pelo menos a guerra, com suas garras horripilantes, não existe. E eu sei que somente há chances na paz.

A Síria não é mais como era: o quintal de nossa casa é um campo de batalha entre pessoas que, até bem pouco tempo atrás, eram irmãos, e não inimigos. Eu me pergunto, inquieto: o que faz a humanidade tramar contra si mesma? Por que não nos damos as mãos, em vez de uma lutar contra a outra? Se as pessoas percebessem que quando estão frente a frente e se estendem as mãos as mesmas se encaixam perfeitamente uma na outra, haveria mais felicitações e menos agressões...

Essas são ideias singelas e inocentes de um menino sírio de treze anos que não entende muito bem os porquês da guerra nem os motivos das desavenças mesquinhas e arrogantes entre os adultos, mas que sente na pele as consequências das irracionalidades promovidas por aqueles que tentam resolver tudo por meio do punho e das armas. Se eu pudesse, eu tentaria fazer com que os todos aqueles que estão destruindo o nosso país percebessem que eles estão aniquilando a eles mesmos e, por conseguinte, a todos nós.

No final das contas, nossos maiores inimigos somos nós mesmos... Se tivéssemos consciência disso, não escutaríamos o que há de mais selvagem, brutal e primitivo em nossos corações e faríamos com que a nossa força fosse direcionada para o nosso bem comum, e não para a nossa ruína. Eu não me atrevo a compartilhar esses meus pensamentos com mais ninguém aqui nesta embarcação por ter receio de não ser compreendido da forma como eu gostaria que fosse. Mas por sorte, para a minha imensa felicidade, há este caderno que me acompanha e me conduz a reflexões somente minhas, as quais, se eu conseguir chegar a salvo em uma terra onde reine a paz, poderei dividir com quem quiser lê-las.

É muito triste perceber que a Síria se tornou – desculpem-me a força de expressão – um inferno e que, por isso, deixamos para trás a possibilidade de vivermos

em um país onde somos respeitados como seres humanos. Nosso lar foi destruído e, com ele, a possibilidade de vivermos em plenitude.

Agora o mundo é o meu lar e estou prestes a encontrar um novo berço onde eu possa renascer...

Capítulo 09 – Minha cidade, meu país, meu mundo

O mundo é agora o meu lar e estou prestes a renascer alhures. Não quero que ninguém pense que eu estou sendo arrogante com esse pensamento, mas eu sinto que o mundo é todinho meu neste momento. Não que eu o tenha somente para mim – muito pelo contrário! –, mas eu percebo que justamente por não ter lugar algum que eu possa chamar de “meu” é que há a possibilidade de eu encontrar um apenas para mim. Ou, por que não pensar, a eventualidade de encontrar vários, todinhos para mim...

Não é por acaso que eu sinto que este barco se parece muito com um berço, um leito que me embala dia e noite, que faz com que eu me perceba nos braços acolhedores e aconchegantes de uma mãe que me acalanta e me acalenta até eu adormecer... Pensando bem, “berço”, “barco” e “braço” são palavrinhas tão parecidas que posso concluir que parecem possuir uma origem em comum. Pelo menos em todos pode-se ser conduzido, ninado e acariciado.

E neste barco em que realizo esta viagem, as cantigas de ninar são os sons das ondas do mar e as nuvens neste céu azul são as asas dos anjos que me protegem e me guardam nesta travessia. Se eles existem? Não sei, mas tudo o que é possível para mim é real. Céu, sol e mar! Todos contemplando nossa travessia... E o imaginar cria possibilidades infinitas...

E eu estou nesta embarcação a navegar e cada onda é uma possibilidade que se multiplica, que se intensifica, que se propaga pelos confins do oceano. Pensando bem, a vida é um eterno velejar, seja por mar, por terra ou pelos ares. Ao nadarmos, correremos ou voarmos, a linha que separa o “aqui” do “lá” é sempre transposta e vencida: traçamos a nossa trajetória com as nossas próprias mãos.

É, é isso: a vida é como um barco, um barco a vapor que nos impulsiona e nos conduz a portos familiares ou completamente desconhecidos, que nos leva a viagens planejadas ou absolutamente inesperadas, que transporta em seu convés os sonhos daqueles que ousam nele navegar, a proa a desnudar o futuro e a popa a contemplar o passado. Um barco a vapor. Sim, a vida é um barco a vapor que nunca cessa de velejar...

É engraçado pensar que, em um barco a vapor, é justamente o vapor d'água que movimenta os seus motores e o faz navegar sobre as águas. Água é movimento e eu sei muito bem disso – eu não me refiro aos ciclos da água que aprendemos em ciências na escola –, pois como tripulante desta embarcação há algumas semanas, pude perceber as vicissitudes do mar e o encanto mágico que ele nos proporciona.

Pensar nisso tudo me fez lembrar do lugar onde, antes de eu iniciar esta

travessia, estava o que eu chamava de lar: nem se eu quisesse eu poderia esquecer de onde vim, a minha cidade natal na Síria: Aleppo. Eis o meu berço, onde nasci e passei toda a minha vida, o lugar no qual vivi as minhas primeiras experiências, onde cresci, onde brinquei, onde estudei, o lugar em que, na maior parte do tempo, fui feliz.

A minha cidade era linda, a maior de todas as cidades da Síria. Só para vocês terem uma ideia, antes de tudo isso que eu contei para vocês acontecer, havia milhões e milhões de pessoas que viviam em Aleppo. Sempre pensei que a casa dos milhões ultrapassava o meu entendimento, afinal de contas, não é todo dia que se pode visualizar milhões de pessoas juntas para se ter uma ideia de quanta gente há em determinado lugar, não é mesmo?

Depois dos acontecimentos horríveis que se sucederam em minha terra natal, esse número diminuiu consideravelmente, pois muitos sírios como eu, jovens ou não, morreram em decorrência dos bombardeios, dos assassinatos ou das péssimas condições de vida que se apresentaram para nós. Outros, assim como eu e os demais nesta embarcação, conseguiram a muito custo escapar e tentar a sorte em algum lugar distante e seguro das atrocidades da guerra.

Eu sou apenas um jovem de treze anos cujos sonhos pulsam incessantes nas veias e talvez as pessoas não deem a devida atenção àquilo que eu penso e acredito, mas se eu pudesse, eu gritaria bem alto, com toda a minha força e energia, que eu gostaria de depender menos da sorte e mais do bom-senso dos adultos. Se escutássemos mais as crianças e os idosos, aprenderíamos muito mais com a sensibilidade e a experiência de ambos.

Mas parece que é preferível resolver todas as diferenças por meio de armas e punhos cerrados. Por quê? O resultado poderá ser somente destruição e catástrofe, morte e desespero. As consequências são as mais absurdas que se pode imaginar... O resultado é um menino sírio de treze anos chamado Qudamah que transpira sonhos e desejos, repleto de vitalidade e esperança, resistindo bravamente em um barco contra as forças poderosas de um mar que pode, a qualquer momento, roubar-lhe a própria vida e a de sua família.

Se as pessoas compreendessem – ah, se todos nós sentíssemos e soubéssemos – que o amor não é perigoso nem mesmo ameaçador, as nossas mãos agrediriam menos e acariciariam muito, muito mais. Depois de tudo o que passamos para sair com vida de Aleppo, tenho refletido e pensado muito sobre tudo que é realmente importante em nossas vidas, sobre o que vale a pena ser vivido. Sabem de uma coisa??? Eu suponho que o amor é inevitável e talvez justamente por assim sê-lo é que os homens utilizem-se da força para tentar sufocá-lo.

É triste perceber que Aleppo está agora quase que totalmente arruinada, muito do que foi construído pelas mãos dos homens foi destruído pelos seus próprios

punhos. A minha cidade – e grande parte de meu país – estão sob escombros e eu me pergunto quem é que vai ter força e coragem para reconstruí-la.

A verdade é que um rigoroso inverno se apoderou da Síria e de Aleppo, um intenso e impiedoso inverno que, com suas gélidas e brancas asas, fez com que os calorosos raios de sol da primavera não conseguissem atingir o nosso lar. Onde estão as quatro estações? Nós não as sentimos mais!!!

O inverno Sírio parece não ter fim...

Capítulo 10 – Inverno Árabe

O inverno de Aleppo e da Síria parece não ter fim. Onde está a primavera, com suas perfumadas flores silvestres? E o verão, com seus intensos e radiantes raios de sol? E, por fim, onde está o outono, com o seu clima ameno e suas folhas secas que inspiram poesia? Todos aparentam estar soterrados sobre toneladas de escombros e, como se não fosse suficiente, sepultados por uma grossa e intransponível camada de neve.

Há alguns anos, as pessoas do meu país ousaram questionar muitos aspectos da nossa vida cotidiana, resolveram indagar-se sobre os porquês de as coisas serem como são. A geração dos meus pais, assim como muitos jovens e pessoas não tão jovens assim, interrogaram-se para saber os motivos de os governadores do nosso país terem atitudes autoritárias e, por vezes, não prezarem pelo bem-estar de todos.

As pessoas saíram às ruas para reivindicar os seus direitos, para exigir a melhoria da sua qualidade de vida, e todos estavam esperançosos de que tudo iria mudar para a melhor. O meu professor nos explicou que esses acontecimentos ficaram conhecidos como “Primavera Árabe”, um movimento de protestos e revoltas pelos direitos do povo. Mas, como vocês devem saber, a história tomou um rumo cujas consequências foram desastrosas para todos nós.

Como o meu pai nos disse certa vez, enquanto jantávamos em nossa casa em Aleppo, os sírios pensaram que haveria um grande período de direitos e paz, que a Primavera Árabe poderia tentar tornar tudo diferente. Porém, parece que a primavera fora esmagada por um inverno que congela e paralisa a tudo e a todos. Por quantos anos ainda durará esse “Inverno Árabe”, como a minha mãe costumava chamar esse período de instabilidade e terror que se abateu sobre o nosso país?

Apesar de eu ser bem grandinho para compreender certas coisas e nem tanto assim para saber outras, somente quando entramos nesta embarcação é que me dei conta do que realmente estava acontecendo comigo e com a minha família. Eu não era mais um garoto sírio de treze anos que estava apavorado com a situação de meu país, eu era um refugiado. Sim, isso mesmo: um refugiado, como todas aquelas outras pessoas que embarcaram conosco e que estão viajando neste barco no *Marditerrâneo*.

Eu já escrevi em alguma página deste meu caderno que, no final das contas, estamos todos no mesmo barco. Mas aqui estamos *literalmente* no mesmo barco, somos todos refugiados, estamos todos a percorrer esse caminho feito de água, água e mais água para encontrarmos um lugar seguro para recomeçarmos as nossas vidas. Um lugar distante de nossa cidade e de nosso país, um berço onde possamos renascer e reconstruir os nossos sonhos destruídos por uma violenta e injusta guerra.

Nós queremos ser respeitados e tratados com a dignidade que merecemos, afinal, somos seres humanos que têm *direitos humanos* que precisam ser respeitados e levados a sério. Certa vez, alguns dias antes de termos a nossa última aula em nossa escola, o nosso professor nos deu um texto para lermos e aparecia essa expressão tão importante para a vida de qualquer um de nós, sírios ou não.

Eu gostei muito do texto, da expressão que havia nele e que eu mencionei anteriormente e, principalmente, do que ela significa. É meu direito ser humano, é justo eu poder usufruir de minha condição de gente que é inerente à minha pessoa, é meu direito o direito humano que me pertence, que é de todos nós, e apenas quem parece não se amar o suficiente tem coragem de abdicar de um direito que lhe é próprio.

Algo que me chamou atenção foi perceber que muitas pessoas, apesar de presenciarem os absurdos que começaram a acontecer em Aleppo e em outras tantas cidades do meu país, nem mesmo se indignavam com as barbaridades que surgiam logo no início desse inverno sem fim que é a guerra na Síria. Eu tive a impressão de que pareciam estar resignadas aos acontecimentos, ou seja, pareciam que se conformavam com as atrocidades que se tornavam cada vez mais comuns e visíveis a olho nu. Pois eu não conseguia concordar com isso, e ficava revoltado quando presenciava algo de ruim acontecer com qualquer pessoa.

Será tão difícil entender que toda agressão a um ser vivo é uma afronta a cada um de nós? Respire fundo, Qudamah! Respire fundo! Ah, eu e a minha certeza de menino-pensador que o silêncio de quem consente com as injustiças deveria ser também considerado crime de guerra...

Em relação à nossa situação aqui no barco, posso contar para vocês que o meu irmãozinho Taufik está perfeitamente bem, melhorou completamente da febre que o abatia, para alívio de todos. E quando eu digo “todos”, são todos mesmo, não somente eu e a minha família, isso porque, se alguém tiver alguma doença que seja contagiosa, todos nesta embarcação provavelmente a contrairão, o que pode significar o fim da viagem a todos antes mesmo de chegarmos ao nosso destino.

Contudo, não convivemos apenas com boas notícias, muito pelo contrário. Escutei meus pais conversando sobre um assunto muito preocupante, que dizia respeito à ração que a tripulação do barco recebe uma vez por dia. Eles escutaram o homem que pilota a embarcação – penso que chamá-lo de “comandante” não seja muito adequado nesta situação – comentar que não há mais muita ração a bordo, e que, com a quantidade existente, será suficiente para poucos dias.

Isso me deixou preocupado e apreensivo, pois comemos apenas uma vez por dia e, para distrair a fome, há algumas crianças que chupam os próprios dedos já finos e magros. Eu não reclamo para os meus pais sobre essa situação, mas eu também fico com vontade de comer muito mais do que nos servem. Apenas não

quero ver meus pais e meus irmãozinhos com fome neste barco. Sinto tanta saudade dos jantares que a nossa mãe fazia lá em Alepo... Ela é uma cozinheira de mão cheia!

Nossa! Somente agora eu me dei conta da grande quantidade de páginas do meu caderno que foram por mim escritas... Eu acho que às vezes eu me empolgo demais e acabo escrevendo, escrevendo, escrevendo... Eu perco um pouco a noção do tempo e apenas percebo que exagerei nos meus rascunhos literários quando o meu pulso começa a doer de tanto escrever...

Bem, assim os pensamentos se concretizam em palavras e estas se petrificam no papel para sempre, para sempre...

Capítulo 11 – Eterna Síria

As palavras escritas para sempre se petrificam no papel. É. É isso! Talvez por isso eu seja tão encantado pelos livros e pelas letras: as palavras ditas podem se perder ao sabor do vento, mas as escritas para sempre permanecem. Eu acho incrível pensar que o que se escreve pode, de certo modo, permanecer vivo e presente para as outras pessoas que virão depois de nossas existências.

Por exemplo, posso citar todos aqueles autores e suas respectivas obras literárias que eu mencionei no decorrer destes meus rabiscos em meu caderninho. Se eu tiver a sorte suficiente de chegar ao destino para o qual rumamos neste barco, espero poder algum dia publicar estes meus escritos, ou pelo menos compartilhar com os meus amigos mais próximos tudo aquilo que eu escrevi enquanto cruzava o *Marditerrâneo*.

Por falar em *Marditerrâneo*, ou melhor, Mediterrâneo, sem a confusão feita pela minha irmãzinha Khadija, lembrei-me do livro de geografia lá da escola deste ano, no qual havia a ilustração desse mar e a explicação do porquê que ele assim se chama. Era mais ou menos assim, se eu não me engano: “O Mar Mediterrâneo é um mar que banha a África e a Europa e possui área aproximada de dois milhões e meio de quilômetros quadrados. O seu nome é originário do termo latino *Mediterraneus*, que significa *o que está situado entre terras*”.

Quando eu vi a ilustração e li a respectiva legenda no início deste ano lá na minha escola em Aleppo, eu não imaginava que tão logo eu estaria a navegá-lo, ainda mais nessas condições que vocês muito bem sabem. Eu gostei da leitura e descobri muitas outras coisas interessantes sobre o Mediterrâneo, como, por exemplo, que os seguintes povos já habitaram as suas costas, desde a Antiguidade: os fenícios, os cananeus, os egípcios, os gregos, os hititas, os cartagineses, os romanos, os macedônios, os genoveses, os venezianos...

Ufa! Não me lembro de ter faltado às aulas de história, mas eu confesso que já havia esquecido que alguns desses povos existiram! Afinal de contas, em história, é muita coisa para ser lembrada, não é mesmo? Por tocar no assunto, a Síria tem uma história riquíssima, a qual nós estudamos a fundo lá na escola...

O território que hoje pertence à Síria é ocupado há muito, muito tempo pelos seres humanos. Algumas cidades do meu país estão entre as mais antigas do mundo! Sim, do mundo! Damasco, a sua capital, e Aleppo, a minha cidade natal – e da maioria das pessoas que estão nesta embarcação comigo – são cidades que existem pelo menos há milhares e milhares de anos, tendo sido ocupadas e povoadas pelos mais diferentes povos no decorrer da história.

Essa era uma das partes que eu mais gostava da matéria de história, pois se tratava de conhecer mais sobre os acontecimentos que ocorreram há muito tempo em minha cidade, em meu país. A Síria já foi, em um passado muito remoto, lar dos arameus, assírios e persas, pertenceu ao Império Selêucida, se converteu a uma Província Romana, fez parte da Civilização Árabe e também integrou o Império Otomano. Nossa!!!

Alexandre Magno talvez tenha passado pelos mesmos lugares que eu em minha terra natal e isso faz com que a minha criatividade voe solta, longe, livre... Pensar que o lendário Alexandre, o Grande – conquistador que criou um dos maiores império do mundo até então – esteve na atual Síria e a tomou como parte de seu reino faz com que eu me imagine como ele sobre o seu cavalo Bucéfalo, a galopar sem medo por terras desconhecidas, a desbravá-las, a conhecê-las...

É claro que eu não estou a cavalgar nesta minha viagem sobre um corcel como Alexandre Magno fazia em suas aventuras e conquistas por este mundo-sem-fim, muito longe disso, estou neste barco que me acorrenta às possibilidades ditadas pelo mar, mas a sensação de saber que há um lugar no qual eu nunca estive e que estou prestes a conhecê-lo e explorá-lo com a minha curiosidade de menino intrometido e bisbilhoteiro me dá ânimo para pensar que devemos estar cada vez mais perto, devemos estar chegando ao nosso destino...

Ainda em relação aos diferentes habitantes que povoaram o território da Síria no decorrer da história, eu posso dizer que houve muitos outros que eu não citei – ou que talvez nem a própria história saiba da existência – que contribuíram com sua cultura para a formação de nosso país. Eu acho estranho pensar que eu sou descendente das mais diferentes etnias e povos que viveram na Síria no decorrer dos milênios com suas culturas e costumes peculiares... É incrível pensar que, de certo modo, eu sou um pouquinho de cada um desses povos, mesmo sabendo que alguns não existem mais há muito, muito tempo...

Os últimos dias nos trouxeram muito sol e calor, o que não é necessariamente algo bom quando se está viajando nas condições em que nos encontramos neste barco. Um dia lindo de sol não é tão bem-vindo assim quando há sol o tempo inteiro em sua cabeça. O mesmo se pode dizer do calor: um dia de verão é tudo o que se pede para poder brincar e se descontraír com os amigos da escola, mas passar calor o dia inteiro sob o sol escaldante do *Marditerrâneo* pode deixar alguém sedento como um louco por sombra e água fresquinha.

Já faz alguns dias que eu não observo nenhuma ave no céu. Por mais que eu tente enxergar algum pássaro no céu enquanto navegamos, não consigo ver nada além de um infinito azul pontilhado com algumas nuvens brancas como algodão... Tenho certeza de que tanto eu como qualquer um dos outros tripulantes do Poseidon – esse é o nome desta embarcação – querem ver o quanto antes muitas aves marinhas

que nos sinalizem a proximidade da costa mediterrânea.

Gosto de pássaros não somente porque eles voam e desafiam a lei da gravidade, mas também porque penso ser fantástico o fato de que somente pode haver equilíbrio no movimento. Essa ideia me intriga e me fascina: só há equilíbrio no movimento... Bem, que Poseidon guie este barco na direção das aves e que estas nos orientem para a tão esperada costa do continente.

Um pássaro é sempre sinal de boa sorte...

Capítulo 12 – Pássaro da sorte

Um pássaro é sempre sinal de boa sorte. E precisamos de muita sorte neste momento, pois hoje pela manhã escutamos o “comandante” do Poseidon dizer que há água potável para a tripulação para, no máximo, três dias de navegação. Depois disso não haverá mais água doce para ninguém tomar ou fazer o que quer que seja, apenas a salgada e nada potável água do mar.

Paradoxalmente, as mesmas águas do *Marditerrâneo* que nos conduzem à salvação em algum lugar seguro na Europa – assim eu espero – nos nega de beber e nos coloca em risco de vida iminente, pois todos sabemos que não se pode ficar muitos dias sem tomar água doce e que a água salgada é impossível de ser ingerida pelo ser humano.

Se fosse a ração que estivesse acabando, a nossa “comida” diária, talvez a situação não seria tão perturbadora, mas como é a água, o problema nos deixa inquietos como nunca. Eu vejo nos olhos dos meus pais a angústia da possibilidade de não chegarmos a tempo em terra firme, e eu também acabo por me preocupar pela segurança da minha família e a de todos que estão nesta embarcação.

Pois eu sei muito bem – e todos que estudam ciências na escola devem saber – que a água é um elemento essencial à vida de todos, sejam animais ou vegetais. Não há a possibilidade de alguém sobreviver a muitos dias de escassez de água potável, e essa é a importância desse líquido tão precioso para todos nós: água é uma questão de vida ou morte.

Água, água por todos os lados, o tempo todo. Ondas. Barco. Ração. Céu. Sol. Mar. E, é claro, água. Às vezes sinto saudade das paisagens de montanhas e desertos da Síria, pois a imobilidade e solidez de ambos nos transmite um sentimento de estabilidade e segurança. Aqui tudo é líquido, tudo é incerto, tudo é intermitente, e ultrapassamo-nos em ondas entre uma certeza e outra...

Desculpem-me por interromper a escrita em meu caderno desse jeito, mas é por um bom motivo. Enquanto eu escrevia as minhas últimas palavras eu avistei, ao olhar de relance para os céus do *Marditerrâneo*, uma gaivota toda branquinha a contrastar com o azul profundo do céu. Quando eu a vi, mal pude conter um grito de felicidade e alegria, pois sabia o que isso poderia significar.

Todos na embarcação se exaltaram e ficaram apreensivos perante a

possibilidade de o pássaro da sorte poder significar proximidade do continente. Será imaginação minha ou a gaivota me olhou bem dentro dos olhos quando eu a enxerguei aqui do meu cantinho onde fico escrevendo no barco? Pois eu não duvido que essa gaivotinha queria me dizer algo e trazer boas notícias a todos os tripulantes.

Apesar de a gaivota ter nos proporcionado um fôlego a mais de esperança, não podemos garantir que estamos tão perto assim da costa mediterrânea. Quero crer que logo chegaremos ao nosso destino, e que possamos gritar, assim como alguns descobridores faziam quando chegavam a algum lugar desconhecido, depois de muito navegarem pelos oceanos: “Terra à vista!”

Sim, como eu mencionei anteriormente, quem sabe a palavrinha-chave seja esta: *esperança*. Pois sim, penso que o sentimento de esperança seja talvez mais importante que a própria realização do que se deseja, porque, enquanto o que se ambiciona não se concretiza, a intensidade do nosso querer é superior às dificuldades que se apresentam em nosso caminho.

Pois eu já presenciei e experienciei muitas situações que me fazem pensar que, depois que conseguimos o que queremos, às vezes esquecemos dos esforços que fazemos para realizar o que desejávamos. E também, infelizmente, muitas vezes percebi que as pessoas, depois que conseguem o que querem, são ingratas com aqueles que as ajudaram a conseguir o que queriam.

A ingratidão é uma atitude muito feia, pois devemos ser gratos a quem nos ajuda em nossa jornada. Eu serei eternamente agradecido a quem ajudar a mim e à minha família quando chegarmos em um novo país, em uma nova terra onde precisaremos de todo apoio e compreensão das pessoas que ali vivem para nos auxiliar a reconstruir as nossas vidas e o nosso lar.

Espero que as pessoas não sejam egoístas e não nos neguem acolhida em seus países. E não me refiro somente à minha família e a todos os outros tripulantes, mas sim aos milhares de sírios e outros refugiados de diversos países que estão à procura de uma chance para recomeçar as suas vidas em paz. Não quero pensar que somente quando necessitamos de algo é que damos a devida importância à palavra solidariedade...

A minha certeza de que estamos todos no mesmo barco, estamos todos a navegar no mesmo mar, a minha convicção de que a bandeira que tremula em nosso mastro é somente uma, independentemente do nosso país, dos nossos costumes, da nossa religião, da nossa etnia, independentemente *de quem somos*. Aliás, somos todos um, todos somos...

Eu mal pude acreditar, eu não consegui crer no que os meus olhos acabaram de ver e ainda estão vendo neste momento. Perdoem-me mais uma vez por eu ter interrompido a escrita assim de modo tão repentino, mas eu fiquei paralisado perante a espantosa e inacreditável cena que todos aqui nesta embarcação presenciaram.

Sim, sim, conforme navegávamos em sua direção, podíamos vê-lo com mais precisão, com mais contornos, com mais certeza. As esperanças se concretizavam, tomavam forma, as possibilidades se multiplicavam, os desejos se realizavam e eram flores que desabrochavam perante os nossos olhos incrédulos.

Não mais somente uma, mas muitas, muitas gaivotas a cruzarem os céus sobre nossas cabeças, em revoadas que desafiavam a gravidade e nos deixaram encantados. Ninguém podia acreditar, e todos ficaram fascinados com o que víamos: o continente estava logo ali, a algumas centenas de metros de nossa singela embarcação, a Europa se apresentava perante todos como o nosso tão esperado destino.

Uma pequena cidade podia ser vislumbrada no horizonte que se aproximava, se aproximava e se tornava cada vez mais assustadoramente possível e alcançável. Não apenas terra à vista, mas sim um continente inteiro à vista!!! Pois para mim, definitivamente, para sempre pássaros serão sinônimo de boa sorte...

Capítulo 13 – Treze

A partir de hoje não serão somente os pássaros sinal de boa sorte para mim, mas também o número treze, e eu não falo isso apenas porque eu tive a chance de renascer aos treze anos de idade, mas também por hoje ser dia treze, e eu o lembrarei para sempre como o dia em que vencemos o perigo de não chegarmos vivos ao nosso destino.

Logo que tivemos a certeza de que estávamos a poucas centenas de metros da Europa – ainda não era possível saber o país –, não me contive de alegria e emoção e abracei e beijei muito os meus irmãos Taufik e Khadija, assim como fiz com os meus pais. Eu sei que nada está garantido em relação ao nosso futuro, as incertezas e dúvidas ainda batem à nossa porta, pois é o recomeço em um país estrangeiro e por nós totalmente desconhecido.

Apesar de termos consciência da indefinição de nossos destinos na Europa, hoje foi um dia de intensa felicidade, de grande júbilo, dia esse que será marcado como uma nova data de nascimento para todos os tripulantes do barco Poseidon. Eu agradeço à vida por mais essa possibilidade de vivê-la, de ter conseguido fugir da guerra e dos seus horrores que estão, para o desespero e infelicidade de todos, destruindo Aleppo e a Síria.

Desejo com todas as minhas forças que nenhuma criança síria – ou qualquer outra pessoa, é claro! – vivencie os horrores de que fomos todos testemunhas, e espero que algo seja feito rapidamente para que os absurdos da guerra cessem o quanto antes e não se perpetuem, pois há muitas vidas em risco, há crimes contra a humanidade sendo cometidos e não podemos aceitar passivamente tal situação!!!

Eu sei que milhares e milhares de pessoas não tiveram a mesma sorte que nós tivemos, ficaram em Aleppo e em outras cidades da Síria à merce das barbaridades que a guerra causou, está causando e continuará a causar caso não haja nenhuma intervenção, caso as pessoas continuem a fingir que nada está acontecendo. Pois justamente ao refletir sobre isso me lembrei de uma frase que eu vi certa vez em um filme que me marcou profundamente, chamado *A Missão*. Assim um personagem dizia: “Se a força estiver certa, o amor não tem lugar neste mundo”.

Pois eu nunca mais me esqueci dessa frase e a seu respeito eu acrescentaria somente mais um pensamento: a única força possível e aceitável é a infinita força do amor. Sim, eu tenho somente treze anos, sou um menino como outro qualquer, em cujo peito pulsam sonhos e desejos que mal cabem em mim de tão intensos, mas sei e sinto que tenho a maturidade suficiente para saber aquilo que quero para mim ou não.

Agora, em terra firme, sei que terei que percorrer outros caminhos, talvez mais árduos que aqueles que cruzei até agora em minha vida, talvez mais venturosos que o próprio *Marditerrâneo*, mas tenho a certeza de que um outro lugar para se recomençar, onde haja esperanças de se realizar os seus sonhos, pode ser imenso como o mar em possibilidades.

Talvez por eu ter vivido tudo o que eu vivi nos últimos tempos eu tenha a certeza de que a vida é como um barco, como eu escrevi em algum momento neste meu caderninho que me acompanhou durante toda a travessia. Sim, é isso! A vida é como um barco a vapor no qual velejamos, mas cujo destino nem sempre é por nós traçado.

Há ventos que às vezes nos conduzem a perigosos rochedos, há ventos que nos lançam em alto mar, onde podemos velejar livremente, ao desbravar os sete mares, ao viajar por mares nunca dantes navegados...

Quando se fizer noite, não há motivos para interromper a viagem: guiemo-nos pelas estrelas! Mesmo que não as contemplemos tanto quanto deveríamos, elas sempre lá estão, a cintilar sobre nossas cabecinhas e, se preciso for, ajudar a nos orientar aqui na Terra. Sim, mesmo nos momentos de escuridão, há a possibilidade de irmos à proa do barco a vapor que há em cada um de nós e contemplarmos o brilho das estrelas que nos conduzem ao caminho que queremos percorrer. Ou navegar.

E no convés do nosso barco a vapor há sempre espaço suficiente para transportar todos os sonhos possíveis e imagináveis, há sempre um tesouro em um baú escondido pronto para ser descoberto, há sempre um vento chamado *esperança* que pode soprar e impulsioná-lo para longe, longe, longe... Um barco a vapor, um barco a vapor...

E eis que eu, um menino de apenas treze anos, sírio e refugiado, que cruzou o *Marditerrâneo* fugindo da guerra e da ignorância dos homens, está contemplando em terra firme a possibilidade de renascer e de recomençar a sua vida com sua família longe dos confrontos que ameaçam não somente quem em meu país vive, mas afronta toda a humanidade.

Espero que, aconteça o que acontecer no decorrer da minha vida, eu nunca perca a esperança de pensar e agir para que tenhamos um mundo no qual não existam guerras ou qualquer outro tipo de violência, que os conflitos dos homens contra os homens sejam apenas fatos do passado para serem lembrados e nunca mais praticados novamente.

Para ser justo é preciso ter bondade e para ter bondade é preciso valentia. Não é por acaso que o nome *Qudamah*, em árabe, significa “coragem” e, por assim sê-lo, quero honrar o meu nome e fazer a minha existência valer a pena de ser vivida.

Quero que todos saibam, por meio do meu breve relato, que somente com muita bravura é que se pode enfrentar as amarras da brutalidade e da incompreensão. Dentre tantas outras coisas, eu quero a vida em sua plenitude...

Hoje mesmo eu decidi que, assim que possível, quero publicar esses meus escritos para, assim, poder compartilhar com outras pessoas as minhas experiências de menino-refugiado. Quero, também, guardar para sempre comigo o meu caderninho, o qual me acompanhou durante toda a travessia e me inspirou a rabiscar no papel os meus relatos de viagem.

Porque meu nome é coragem e eu me chamo Qudamah...

Epílogo: âncoras e atracadouros

O que pode dizer um caderno por detrás das folhas que resistiram? Havia parado o tempo nestas páginas congeladas? Onde ficara estacionado o “10 com louvor”? Sim, há uma palavra estacionada no caos. Inconstância de âncoras e navios sem porto. As palavras ardem no duelo. Atracadouros da agonia. Há letras em toda parte. Não apenas nas treze páginas. Em estado de magia, à noite, a palavra esconde a luz do mundo. Plenilúnio. O dia as ressuscita no esgarçamento das arestas.

Sejamos cúmplices e partícipes do encanto avassalador que assusta. Como o canto da sereia. Lucas concebe o mundo em sua metáfora do existir: “conforme prosseguimos em nossa jornada por este mar que nos embala como se estivéssemos em um berço de bebê recém-nascido”, numa linha que, em sua reta, é a curva do horizonte nos estranhos veios da complexidade.

Percebo algumas referências ao cabalístico “Treze”, o menino tinha treze anos, estavam escritas treze páginas, o último capítulo de seu livro traz o título “Treze”. O número “treze” é tão forte que devora a alcunha de seu agouro, que só serve para enganar incautos, o “treze” representa o mais poderoso, o mais sublime, como é o caso de Zeus. Afirma-se que no cortejo dos doze deuses, em meio aos quais se assenta ou caminha, como um décimo terceiro, segundo Platão e Ovídio, distinto dos outros por sua superioridade.

Outra referência é que Ulisses, o décimo terceiro de seu grupo, escapa do apetite devorador do Cíclope. E, por fim, na simbologia profunda dos números, esse número representa um princípio de atividade “3” exercendo-se em uma unidade de um todo “10” que o contém e que, conseqüentemente, o limita. “Treze” corresponderia a um sistema organizado e dinâmico, mas determinado e particular, não universal, seria como a chave de um conjunto parcial e relativo. Por isso, R. Sdhwallier o interpreta como o poder gerador.

“Céu, sol e mar – a travessia” também gera referências de livros que marcaram época na história da humanidade, Lucas assume-os e convida-os a sentarem-se à mesa em seu banquete da palavra. Sua embriaguez desnuda o número treze, universo criado, no qual “escuta-se o silêncio sendo domado pela palavra” para revesti-lo do silêncio, artimanha última da palavra, seu estado puro, acordar do estado verborrágico. Exercitemos a coragem do *Qudamah* interior de cada um. Engendremos frutos. Partícipes da magia da criação. No cálice da vida, sob o vigor do “treze”, bailemos! Afogados das ânsias do sentir. Em que barco, afinal, faremos nossa travessia?

Edinara Leão

Escritora, Pós-Doutora em Estudos Literários

Sobre o autor



LUCAS VISENTINI

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Educação (UFSM), Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Licenciado em Pedagogia (UFSM) e Bacharel em Ciências Contábeis (UFSM).

Pesquisador integrante do GPKOSMOS (Grupo de Pesquisa sobre Educação Digital e Redes de formação) e do KITANDA (Educação e Intercultura), ambos da UFSM.

Professor, escritor, editor e pesquisador.

Contato: visentinilucas@gmail.com ou lucas.visentini@prof.santamaria.rs.gov.br

Sobre a ilustradora



LUANA R. MACIEL

Formanda em Design (ênfase em Design Gráfico) pela Universidade Franciscana. Estagia na área de ilustração na Editora UFN.

Desenvolveu o projeto de pesquisa intitulado “Os Artefatos presentes na Quarta Colônia de Integração”.

Participou do comitê de organização e da parte de Identidade Visual da XVIII Jornada Acadêmica do Design da UFN. Ilustradora e diagramadora, integrante do projeto “Belbellita, a Borboleta Gauchesca” autoria de Lucas Visentini.

Contato: luana.maciell16@gmail.com

Um menino. Um país destruído. Um caderno. O que um jovem pode esperar da vida quando a sua própria cidade é completamente arruinada pela guerra? A história de Qudamah revela as experiências trágicas e emocionantes de um adolescente refugiado sírio em uma travessia perigosa e incerta, mas que se apresenta como a única opção possível para sobreviver. O céu, o sol e o mar testemunham a odisseia vivenciada pelo corajoso personagem desse relato emocionante e comovente, o qual nos revela as intermitências da guerra, do exílio e da fuga em busca de refúgio e paz. Em meio a um mar que representa ao mesmo tempo desespero e esperança, o menino escreve em seu caderno sentimentos tão sensíveis quanto profundos, ao afirmar: “As palavras escritas para sempre se petrificam no papel. É. É isso! Talvez por isso eu seja tão encantado pelos livros e pelas letras: as palavras ditas podem se perder ao sabor do vento, mas as escritas para sempre permanecem. Eu acho incrível pensar que o que se escreve pode, de certo modo, permanecer vivo e presente para as outras pessoas que virão depois de nossas existências”...

Será que a escrita poderá salvá-lo nessa travessia?



ISBN: 978-65-00-10899-6



CD